

Sobre a alegada existência de deus

Américo Venâncio Lopes Machado Filho

A ideia de deus é *fascinante*.

Não ousaria nem arriscaria, no início deste pequeno texto, dizer *fantástica*, para que não se pense que a quero, tão levemente, associar à noção de ‘o que se cria pela imaginação’. Deus é, segundo tem alegado a humanidade, há milênios (não sem alguma variação de cultura a cultura), um ser, uma entidade, onisciente, onipotente, onipresente, que, como um pai mais zeloso dos que houvesse, cuidaria, segundo têm dito os homens, de tudo e de todos aqueles, que, por seu próprio desejo, esforço e risco, um dia decidira ele mesmo engendrar (ou *ingenerare*, como se diria em latim). Aliás, é essa a mesma base etimológica da forma divergente *engenhar*, em português. Engenhar a humanidade e tudo que há! *Fiat lux!*

Não me refiro aqui a um deus específico, de determinada religião, mas à carga nocional que invade os pensamentos de todos os homens e os ocupa como a própria linguagem – uma dotação biológica ou disposição genética indeclinável, indelével, que perdura na eternidade provisória humana (muito provisória, que se diga). Mas se deus fosse uma faculdade como a língua, não dependeria sua existência, pré-existência ou pós-existência (aqui não saberia decidir que termo escolher, nem em que ordem apresentá-los) da interação social para se desenvolver e se manifestar? Falo como os meus, assim como os menos vizinhos a mim falam como os seus. Jamais teria falado se vivesse só. Fernão de Oliveira, grande intelectual quinhentista português, já havia dito em outro formato de escrita da época: “cada um fala como quem é: os bons falam virtudes e os maliciosos, maldades; os religiosos pregam desprezos do mundo e os cavalheiros blasonam suas façanhas (...)”.

Diante de tantos dialetos e de tanta variação linguística no mundo dos homens, na história e no presente, na cidade e na zona rural, por que não se aceita e não se respeita a humanidade na diferença, já que seriam todas as formas linguísticas, senão, a mesma luz de deus? Ademais, se deus é construto empírico do pensamento em interação social, que se dá em seu próprio nome através da língua, seria ele mesmo anterior à criatura? Por que precisaria eu rogar a deus que me proteja e aos meus se a função de pai zeloso é incondicional?

Desde a infância busco esse fascínio. É, realmente, enquanto ideia, fascinante.

Salvador, 12 de março de 2019

Em memória a minha tia, Maria Gravelina, que acreditava em deus.